



## **Darcy Ribeiro a antropologia do novo mundo velho**

Gilberto Felisberto Vasconcellos<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo divide-se em dois eixos temáticos que se relacionam entre si: o enfoque latino americano de uma antropologia que nasce visceralmente antieurocêntrica e antianquiocêntrica. Sua seiva analítica é o novo mundo dos trópicos mas sem deixar de remeter à antiguidade do Milênio. Não por acaso Darcy Ribeiro foi um exegeta de Henry Morgan, objeto das notas etnológicas de Karl Marx. O segundo eixo temático centra-se na estratificação social latino-americana e os impasses da revolução socialista, mostrando o bolsão abaixo da classe operária junto com um estrato gerencial das multinacionais acima da classe dominante local.

**Palavras-chave:** Antropologia, colonialismo, estratificação e alienação.

## **Darcy Ribeiro la antropologia del nuevo viejo mundo**

### **Resumen**

Este artículo se divide en dos ejes temáticos que se relacionan entre sí: el abordaje latinoamericano con una antropología que nació visceralmente antieurocéntrica y antianquiocéntrica. Su fuente analítica es el nuevo mundo del trópico pero sin dejar de referirse al antiguo milenio. No es casualidad que Darcy Ribeiro fuera un exégeta de Henry Morgan, el objeto de las notas etnológicas de Karl Marx. El segundo eje temático se centra en la estratificación social latinoamericana y los callejones sin salida de la revolución socialista, mostrando el bolsillo debajo de la clase trabajadora junto con un estrato gerencial de multinacionales por encima de la clase dominante local.

**Palabras-clave:** Antropología, colonialismo, estratificación y alienación.

## **Darcy Ribeiro the anthropology of the new old world**

### **Summary**

This article is divided into two thematic axes that are related to each other: the Latin American approach of an anthropology that is born viscerally anti-eurocentric and anti-anquiocentric. Its analytical focus is the new world of the tropics but without ceasing to refer to the millennium antiquity. It is not by chance that Darcy Ribeiro was an exegete of Henry

<sup>1</sup> Graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1972) e também nessa universidade concluiu seu doutorado em (1977). Atualmente é professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de sociologia, com ênfase em sociologia da cultura e sociologia política, atuando principalmente nos seguintes temas: pensamento social brasileiro, desenvolvimento, energia e folclore. E-mail: gilbertovasconcellos@yahoo.com.br

Morgan, object of Karl Marx's ethnological notes. The second thematic axle focuses on latin american social stratification and the impasses of the socialist Revolution, showing the marginality below the working class along with a managerial stratum of multinationals above the local ruling class.

**Key words:** Antropology, colonialism, stratification and alienation.

Anti-eurocêntrico, o mais anti-eurocêntrico dos antropólogos brasileiros, visceralmente anti-inauicêntrico que teve a sorte de não estudar na Europa nem nos Estados Unidos. Darcy Ribeiro reconheceu as duas grandes façanhas da Europa: a expansão ibérica missionária mercantil e salvacionista no século XVI, a “passagem dos quinhentos”, com personalidades representativas da época, Cortez, Pizarro, Colombo, Vasco da Gama, Cabral, Thomas Morus, Erasmo de Roterdã, Maquiavel, Rabelais, Camões, Santa Tereza, Gil Vicente, Lutero, Calvino, Copérnico, Paracelso.

A outra façanha europeia foi a revolução industrial, a máquina a vapor movida a carvão mineral. A América do Norte antecipou a revolução burguesa, assim como não será no continente europeu que acontece a primeira revolução socialista, e sim na Rússia. A última façanha europeia, diz ele com indisfarçável ironia, foi a de Hitler.

Mineiro, brasileiro, latino-americano, Darcy Ribeiro viveu com a obsessão de explicar nosso atraso, nossa miséria, nosso subdesenvolvimento. Somos um povo extra europeu, nascido de um complô rapineiro do capitalismo comercial.

O projeto da Europa era o de enricar-se com a exploração de matérias primas, gêneros alimentícios e metais preciosos. A sociedade brasileira não foi um projeto desejado, e sim inintencional. Povo. Sociedade. Nação. Nada disso foi mentalizado pelo europeu colonizador. Este estava interessado apenas em saquear as riquezas.

O povo latino-americano nasceu indesejado, malquisto, enjeitado: um rebotalho. Para existir o povo tem de se opor aos colonialismos europeus e ao imperialismo norte-americano. Só vamos ser brasileiros se rompermos com as amarras da dominação externa. Essa é a nossa sina. Não há como escapar disso. Estamos condenados a romper com o jugo externo, ou não existiremos.

A ideologia do colonialismo justifica a dominação colonial. Nós nos achamos uma bosta. Nós nos consideramos um esperma ruim num trópico inabitável. A “tara de atraso” tomou conta do país com resignação e fatalismo. Acreditamos na superioridade dos brancos e na inferioridade dos índios e negros.

O homem branco pobre quer tirar alguma vantagem diferenciando-se do negro pobre e oprimido. A insolidariedade é popular. Odiamos o igual.

O capitalismo não é capaz de empregar a população, sobram gentes que não se classificam no sistema de salário. São os declassados. O problema é como far-se-á a consciência dos declassados. Estes pobretários são os oprimidos da estrutura social.

A classe operária, embora subalterna e explorada, está menos predisposta à transformação revolucionária. O que ela reivindica é “uma ordem social melhor”. O insolidarismo entre os assalariados e os sem salários tem bases sociais objetivas na estrutura de classes.

Marginalizado pelos “brancos e mestiços”, o índio foi visto como o “outro”, aliciado como mão-de-obra barata, objeto de ódio e preconceito. O caboclo o considera ladrão, preguiçoso e cachaceiro, enquanto o índio “civilizado” passa a discriminar o índio tribal. É o pobre com ódio de pobre. É o câncer glauberiano do pobre guerriando contra pobre. O proletário neurótico gosta mesmo é do rico. Quem não tem dinheiro não tem razão. Inteligente na vida é quem ganha dinheiro, e não importa como.

Nascido em 1501, o mameluco, descendente de mãe indígena, flagela a mãe sentindo vergonha dela e quer identificar-se com o pai que o rechaça. Aí está a gênese do matricídio responsável pela escolha de Jair Bolsonaro como presidente da República. O ódio à mãe. O ódio à mulher. O ódio à filha.

O povo brasileiro é um proletariado externo das nações colonialistas e imperialistas, constituído de um bolsão de marginalizados que estão impossibilitados de proletarizar-se. É a “não gente” com dificuldade enorme de se ver como oprimido, não é considerado uma força social ou vocacionado a transformar a ordem vigente. É alheio a partido político e tem enorme dificuldade de tomar consciência de seus interesses. A proposito escreveu Darcy Ribeiro: “sua visão de mundo é uma mistura de arcaísmo, proveniente de antigas tradições orais hauridas no campo, e de modernidade elaborado à luz de imagens difundidas pelos modernos meios de comunicação que os atingem. Sua visão de si é a de uma pobre gente que vegeta em um mundo discricionário onde um Deus arbitrário luta contra os demônios que não podem ser domados”.

A tradição oral supersticiosa de origem rural em sua forma rústica e ágrafa talvez seja menos impeditiva a tomada de consciência de sua situação oprimida do que o aparato radio-televisivo e as igrejas evangélicas com seus pastores ensurdecedores. Por mentalidade arcaica e alienada, segundo Darcy Ribeiro, compreendem-se os “cultos afro-brasileiros, o catolicismo rural de caráter messiânico e as seitas protestantes de inspiração revivalista”.

A cultura rurícola vai se desfazendo nos aglomerados das cidades e periferias com as massas que se aculturam em programas de TV e rádio, descendo ao nível de “tabula rasa

cultural”. As igrejas universais persuadem os desclassados e marginalizados com a crença em uma ordem social que é tida como sagrada, cuja vida sem pecado traz dinheiro e paz para a família. A culpa da pobreza é do pobre. O pobre é culpado de ser pobre e por isso vai procurar o pastor charlatão.

Os políticos e líderes de esquerda não comovem as massas aculturadas pela TV e pastores. Os votos consagram os candidatos ricos. Que seja lembrado o exemplo de Darcy Ribeiro e Leonel Brizola no Rio de Janeiro: eles ganharam e depois perderam os votos das classes subalternas e dos setores marginalizados.

A ascensão para os filhos através da educação com brizolões não conseguiu rivalizar com a sedução bocalizante do pastor, da telenovela e do programa de auditório. O voto consagrou a TV e o consumo de bens eletrodomésticos. Fernando Collor será o presidente da República em 1991, ano em que a Revolução Soviética foi enterrada com o mister Gorbatchov, conforme reparou Leonel Brizola com o seu agudo internacionalismo socialista.

## **Referências**

RIBEIRO, Darcy. **El dilema de América Latina: estructuras del poder y fuerzas insurgentes**. Siglo xxi, 1978.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **A Razão Iracunda**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2015